

Anadia, 18 de março de 1965.

Meu caro Ramón Piñeiro

Guardo a sua última carta como um documento histórico e psicológico de grande valor. Nunca o senti tão cordial e tão aberto como desta vez, filósofo amigo, e até tão derramadamente lírico! Bem haja pela confiança que me faz do seu coração. Senti que todos vocês estavam radiantes com a publicação do livro, e compreendi perfeitamente essa expectativa quase ansiosa por um trabalho que se arrastava há 5 anos. A minha ansiedade não era menor: temia que uma trombose me levasse antes de concluir a obra. Sou feliz, por tê-la acabado: agora já posso morrer.

Muito obrigado pelos 3 sonetos que me enviou, desses jograis do nosso tempo. Por aqui também se faz isso; e veja a diferença: no séc. XIII, essas coisas diziam-se abertamente, aos quatro ventos, e até se punham em música! Agora, no séc. XX, é isto que se vê: mandam-se pelo correio, sem nome do autor. Dá vontade de dizer e talvez seja verdade: o que nós regredimos desde então! Valeria a pena fazer um pequeno ensaio sobre este tema.

Acabo de lhe mandar um exemplar da edição especial. O mesmo fiz para o Del Riego e para o Dr. Sabell. Sei que este já tinha reservado um na Editorial; mas a verdade é que, por suas muitas atenções, lhe devia esta oferta. Nunca pensei na hipótese de termos uma 2ª edição. Dizem os entendidos que é possível que a tenhamos. Receio que isso se deva não aos méritos do trabalho, como obra científica, mas ao forte aroma de suas obscenidades. Veja o que me havia de acontecer no final da vida: ser autor de livros pornográficos! Seja tudo por amor da Portugaliza.

Os nossos melhores cumprimentos à sua senhora e a sua irmã. Recomende-me aos rapazes do "cursiño compostelan" e receba o afectuoso abraço do seu certo amigo

